

## *Há oito séculos morreu Ricardo Coração-de-Leão, o rei-poeta inglês*

*Maurice Van Woensel\**

Em 1199, há exatamente oito séculos, faleceu Ricardo I, filho de Enrique II e de Alienor [ou Eleanor] de Aquitânia, nascido em 1157, rei da Inglaterra de 1189 até 1199. Um personagem importante tanto na história geral quanto na da literatura. Ganhou o cognome de “Coração-de-Leão” por causa de seu espírito aventureiro e sua magnanimidade e tornou-se o protótipo do ideal cavaleiresco, embora sua bravura beirasse às vezes a insensatez e ele tivesse um caráter inconstante e despótico. Vale destacar que, instigado nisso por sua mãe, a rainha Alienor, várias vezes guerreou contra seu próprio pai e tinha o rei da França, tecnicamente seu suserano, às vezes como adversário, às vezes como aliado.<sup>1</sup>

Ricardo era mais francês do que inglês, uma distinção menos relevante na época, já que boa parte da atual França pertencia à coroa inglesa e que os reis ingleses eram descendentes diretos e consanguíneos das dinastias de linhagem e língua francesa. Esta língua, aliás, continuou sendo a da corte e da nobreza inglesa por vários séculos desde a conquista da ilha por Guilherme de Normandia em 1066. Um detalhe típico de sua biografia: dos onze anos que reinou sobre a Inglaterra, Ricardo só passou seis meses na ilha. Aos 15 anos de idade foi empossado em Poitiers como duque da Aquitânia e foi ali que fixou sua residência e ponto de partida para suas freqüentes campanhas militares.<sup>2</sup> Sua mãe era Alienor de Aquitânia que foi rainha da França e depois da Inglaterra: em sua corte ela reunia e incentivava os melhores trovadores da Europa.<sup>3</sup> Ricardo também era um trovador e conservaram-se duas canções de sua autoria.

Em 1190, Ricardo e Felipe Augusto, o rei da França, se “cruzaram” juntos em Vézelay e embarcaram para a Terra Santa com tropas que ultrapassavam em número e qualidade as das cruzadas anteriores. Porém, Felipe Augusto, suserano de Ricardo, ressentia a superioridade dos efetivos militares e o carisma de

\* Professor e pesquisador de Literatura Comparada.

<sup>1</sup> KELLY, Amy. *Eleanor of Aquitaine and the four kings*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1978 [1950], pp. 266-344.

<sup>2</sup> FINES, John. *Who is who in the Middle Ages?* New York: Barnes and Noble, 1995. p. 178.

<sup>3</sup> PERNOD, Régine. *Alienor d'Aquitaine*. Paris: Albin Michel, 1965, p. 299; KELLY, *op. cit.*, p. 266-344.

liderança de seu vassalo. Fato é que, depois de poucos meses de combates no Oriente, o rei da França e seu contingente militar, depois de sofrerem severos revezes militares e aflitos por doenças, abandonaram o campo de batalha e embarcaram de volta para a França no final de julho de 1191. Ricardo continuou a luta com o que lhe restava de tropas e entrou na história e nas lendas por sua intrepidez nas batalhas. Porém, embora tivesse chegado perto de Jerusalém não conseguiu tomar a cidade santa alvo da cruzada.

Em outubro de 1192 embarcou de volta mas, devido a um naufrágio no litoral do Mar Adriático, o rei, viajando por terra incógnito e escoltado por poucos cavaleiros, foi capturado por soldados de Leopoldo da Áustria, um desafeto seu, que o entregou ao rival político de Ricardo, o imperador germânico Enrique VI. Este, em conivência com Felipe Augusto e João sem Terra, o irmão caçula de Ricardo, urdiu uma trama para manter Ricardo preso por algum tempo, invadir suas terras e exigir um resgate de valor fabuloso em troca de sua liberdade. O papa e os bispos denunciaram em vão a violação, da parte dos inimigos de Ricardo, da “trégua de Deus” - a inviolabilidade de um cruzado e de suas terras durante a expedição sagrada: o rei ficou preso até a primavera de 1194. Foi nesta melindrosa situação que Ricardo compôs sua comovente canção de protesto e de denúncia.

Existe uma bela lenda em torno deste episódio do cativo do rei Ricardo. Quando estava preso em lugar desconhecido, Blondel de Nesle, um fiel amigo e colega *troubadour* do qual se conservaram uma vintena de poemas, estava à procura de seu rei e passou por acaso debaixo da torre onde ele estava preso.<sup>4</sup> Teria entoado então uma canção que só eles dois conheciam, e o rei, escutando uma estrofe, lhe teria respondido cantando a estrofe seguinte. Teria sido a partir desse reconhecimento que os parentes e amigos de Ricardo souberam do seu paradeiro.<sup>5</sup> Esta lenda foi imortalizada na ópera *Richard Coeur de Lion* do compositor belga André Grétry.

### A canção satírica de Ricardo Coração de Leão

A canção que o rei Ricardo compôs durante seu cativo na Alemanha tem uma particularidade: conservaram-se dela duas versões: uma em francês e outra em provençal, a língua falada no Sul da França, a língua dos *troubadours*, os

<sup>4</sup> KELLY, *op. cit.*, p. 302; MURAILLE, Guy. Verbeté “Blondel de Nesle” In: Dictionnaire des lettres françaises – Moyen-Âge . eds. Geneviève Hasenohr & Michel Zink. Paris: Fayard, 1992. p. 201.

<sup>5</sup> KELLY, *op. cit.*, p. 302

primeiros trovadores. Pierre Bec, ao reproduzir esta versão em provençal, comenta que tanto a versão francesa quanto a provençal sejam da autoria de Ricardo.<sup>6</sup> Yvan Lepage contesta os argumentos que apoiam a autoria de Ricardo quanto à versão provençal mas não exclui a hipótese de que o rei seja seu autor, já que dominava aquele idioma e que temos outro poema de sua autoria em provençal: um *sirventés* (um “sirvente” ou poema satírico) contra o Dauphin de Auvergne.<sup>7</sup>

O poema pertence à uma espécie poética bastante rara, parecida com a *cansó* (canção), a chamada *rotrouenge*: tinha marcas diferentes no Norte e no sul da França, mas sua peculiaridade era de rematar cada estrofe com um refrão fixo. O refrão neste *rotrouenge* consiste não em um verso inteiro mas em uma palavra só, cada vez repetida “*pris*”, ‘preso’; porém, no contexto basta essa única palavra para exprimir o grito de revolta do rei traído e abandonado. O poema em pauta consiste em seis estrofes, cada uma de cinco decassílabos monorrimos seguidos de um hexassílabo [10+10+10+10+10+6]; as estrofes vêm rematadas por duas “tornadas”, meia-estrofes [10+10+6] contendo o *envoi* [ofertório] do poema.

Reproduzimos o poema em pauta, estrofe por estrofe, dando, cada vez, primeiro a versão francesa, depois a provençal e em seguida nossa tradução baseada no texto da versão francesa tal como foi publicada na edição crítica *Chansons des trouvères*.<sup>8</sup> Tentamos verter em versos rimados este poema já que se trata de uma canção, um texto inseparável de uma melodia. Nossa versão não é uma tradução literal, mas tentamos resgatar o melhor possível o sentido dos versos originais através de uma recriação que conservasse a métrica e alguma coisa do ritmo verbal da canção.

### O texto da canção

A estrofe I inicia com o *topos* clássico e medieval *captatio benevolentiae*, a “solicitação da benevolência” pelo poeta que pretende bem dispor sua audiência: estando preso, ele receia incomodar as pessoas que vivem em liberdade, mas para ele o ato de cantar significa um desabafo e um desafio a seus opressores.

<sup>6</sup> BEC, Pierre, ed. *Anthologie des troubadours*. Paris: UFGÉ-10/18, 1979. p. 228-31

<sup>7</sup> LEPAGE, Yvan G. Richard Coeur de Lion et la poésie lyrique. In: Et c'est pour quoy nous sommes tous ensemble. *Hommage à Jean Dufournet*. 3 v. Paris: Champion, 1993. p. 893-910.

<sup>8</sup> CHANSONS des trouvères. eds. & trads. Samuel N. Rosenberg & Hans Tischler. Paris: Le Livre de Poche, 1995. pp. 380-83; 972-3 (Lettres Gothiques),

Na hora de compor sua canção, ele aguarda o momento em que o resgate seja pago a seus seqüestradores, e a amarga ironia referente à morosidade de seus amigos e familiares será condensada numa só palavra repetida no final de cada estrofe: *pris*, “preso”. Nesta estrofe, o lacônico refrão alude ao fato que *por dois invernos já o rei está preso*: de fato, capturado no final de 1192, só seria libertado em março de 1194.

Na estrofe II o poeta relembra que ele próprio sempre resgatava sem demora qualquer “homem meu ou barão”, súdito seu da Inglaterra ou de suas terras no continente francês, Normandia, Poitou, Gasconha. A Normandia, terra de onde o duque Guilherme saíra para conquistar a Inglaterra, continuava pertencendo à dinastia inglesa; o Poitou era a região de Poitiers, residência preferida de Ricardo; a Gasconha ou País Basco compreendia a região ao sul da Garona até os Pireneus. (“Gasconha” é derivado de *Vasco* em latim; vem daí o nome próprio de Vasco da Gama e do famoso clube de futebol.). A estrofe é rematada com uma variante do refrão “porém, eis-me aqui *preso*.”

Na estrofe III o rei-poeta denuncia com certa amargura a ingratidão de seus amigos e parentes: “morto ou preso não tem parente”. E afirma que, se para ele o cativo é um sofrimento e vergonha, infâmia mais cruel ainda haverá de cair sobre sua gente que, por omissão, terá culpa de sua eventual morte em mãos dos inimigos: “que de minha morte não se lamenta/ quem me abandonar *preso*”.

Na estrofe IV o rei cativo denuncia o fato de que seu suserano, o rei Felipe Augusto da França, se aproveitara de sua ausência, na hora de participar de uma cruzada, para invadir a Normandia. De fato, Ricardo e Felipe Augusto, partindo para a mesma cruzada na Terra Santa em 1190, se tinham cruzado juntos; Quanto ao “juramento/ que ambos consagramos, solenemente”,

Yvan Lepage opina que se trata aqui de outro juramento mútuo entre ambos os reis prestado em julho de 1191, na Terra Santa já, quando o rei francês, invocando motivos de saúde, voltou para casa deixando a Ricardo e suas tropas a honra e o prazer de continuar a batalha.<sup>9</sup> G. Picot afirma que Ricardo e Felipe Augusto tinham firmado em 30 de dezembro de 1190 um pacto segundo o qual prometeram mutuamente defender as terras do parceiro enquanto durasse a cruzada.<sup>10</sup>

Nas estrofes V e VI o rei prisioneiro dirige-se em particular aos seus vassallos e aliados no continente. Enumera os senhores do Anjou [região de Angers] e da Touraine [região de Tours] e lembra-lhes que eles sempre foram seus valentes companheiros de armas, eles que agora gozam saúde e bens. O rei insinua,

<sup>9</sup> LEPAGE, *op. cit.*, pp. 894-7

<sup>10</sup> PICOT, Guillaume, ed. *Poésie lyrique au Moyen-Âge*. v. 2. Paris: Larousse, 1965. p. 18, nota.

“modéstia à parte”, que na sua ausência devem sentir falta de boas batalhas como antigamente: “lutando sem mim, como hão de vencer/ agora que estou *preso*?”

Citam-se ainda os senhores de Caen e do Perche [região de Alençon] e o rei cativo os censura amargamente por causa das campanhas que estão fazendo para tomar suas terras: isso são coisas de “vilão”. Este termo não tinha ainda o sentido atual de “vilão da estória” ou seja uma pessoa perversa; significava “habitante de vila, matuto”, uma pessoa sem linhagem aristocrática e sem boas maneiras, e para um nobre era uma insulta ser equiparado a um vilão.

Nas *tornadas* ou meia-estrofes finais VII e VIII que formam o *envoi*, a dedicação ou ‘ofertório’ é dirigida, conforme a tradição trovadoresca, ao destinatário do poema: Ricardo se recomenda à sua “irmã condessa”. Trata-se de sua meia-irmã mais velha, Marie de Champagne. Nasceu em 1145 do primeiro casamento de Alienor com o rei da França Luís VII, cognominado “o Jovem”; deste laço nasceu depois outra filha Alix de Chartres. Vale destacar que, em parte motivado pelo fato que depois de 15 anos de casamento Alienor não lhe dera um filho herdeiro, somente duas filhas, Luís VII conseguiu a anulação desta união e casou-se com a princesa Constância de Castilha. Ironia da história: também destas novas núpcias só haviam de nascer duas filhas, enquanto Alienor, que então já passara dos trinta anos de idade, daria ao rei Henrique, doze anos mais novo do que ela, cinco filhos e três filhas, entre os quais Ricardo.<sup>11</sup>

Marie era casada com o conde de Champagne. A condessa era a digna filha de Alienor, a protetora dos artistas, e bisneta de Guilherme, o primeiro trovador; ela mantinha em seu palácio em Poitiers uma *cours d’amour*, uma “corte de amor”, na qual reunia os mais talentosos *trouvères* e *troubadours*. Ali, a rainha Alienor e Ricardo, seu irmão por parte de mãe, eram dos mais assíduos assistentes das contendas poéticas e dos debates nos quais se pretendia estabelecer o código das regras do amor cortês. Amy Kelly afirma:

O jovem conde de Poitou [o futuro rei Ricardo] chegou a gostar particularmente de sua irmã por parte de mãe Marie e a considerar o Poitiers organizado por ela a cidadela mundial de todos os valores, a sede da arte cortês e o manancial da inspiração poética. Muitos anos depois, nas suas horas mais sombrias, seria para a benevolência dela que ele haveria de apelar.<sup>12</sup>

Não é de admirar que o poeta Ricardo dedicasse sua canção do cárcere à irmã que sabia apreciar seus versos e que certamente continuava simpatizando

<sup>11</sup> KELLY, *op. cit.*, pp. 78-112.

<sup>12</sup> *Ibidem*, pp. 265-9

com o valente cavaleiro mesmo depois de traído por seus companheiros.

Mas o poema se encerra com uma nota amarga que contrasta com o tom nobre e contido no resto da canção. Aparece na última meia-estrofe da qual se perdeu um dos três versos exigidos pelo modelo métrico e pelo esquema de rimas. Nestes dois versos, o rei se dissocia de sua meia-irmã mais nova, Alix, a condessa de Chartres, casada com Thibaut, conde de Blois. Pelo teor dos versos, Ricardo não vivia em bons termos com ela: “Não me refiro à dona de Chartres, essa/ que é mãe de Luís”. Esta referência a um certo Luís, filho de Alix, não se aplica a um rei da França. De fato, Alix era *filha* de Luís VII; a *mãe* de Luís VIII e avó de São Luís IX era Blanca de Castela, neta de Alienor.

A autenticidade destes últimos dois versos, que, aliás, faltam em vários manuscritos, tem sido contestada.

### *Rotrouenge de Richard Coeur de Lion*

#### Canção satírica de Ricardo Coração de Leão

I

*Já nus hons pris ne dira sa raison  
adroitement, se dolantement non;  
mais par effort<sup>13</sup> puet il faire chançon.  
Mout ai amis, mais povre sont li don;  
honte i avront se por ma reançon  
Sui ça deus yvers pris.*

*Já nuls òm pres non dirà sa razon  
Adrechament, si com òm dolens non;  
Mas per conort, deu òm faire canson.  
Pro n'ai d'amis, mas paure son li don;  
Ancta lur es si, per ma rezenson,  
Soi çai dos yvers pres.*

Preso não faz uma boa exposição  
do que pensa – grande é sua aflição –  
mas se anima fazendo uma canção.  
Tantos amigos: seus dons, onde estão?  
de meu resgate vergonha terão:  
dois invernos já, preso.

---

<sup>13</sup> “*par effort*” (“com esforço, esforçando-se”) apresenta nos manuscritos a variante mais plausível “*perconort*”, “para se animar” que retivemos em nossa tradução.

## II

*Ce sevent bien mi home et mi baron –  
Ynglois, Normant, Poitevin et Gascon –  
Que je n'ai nul si povre compaignon  
Que je lessaisse por avoir en prison;  
Je nou di mie por nule retraçon  
Mais encore sui [je] pris.*

*Or sapchon bem miei òm e miei baron,  
Anglés, norman, peitavin e gascon,  
Qu'ieu non ai já si paure companhon  
Qu'ieu laissasse, per aver, en preison.  
Non o dic mia per nula retraison,  
Mas anquar soi ie[u] pres.*

Bem sabe todo homem meu ou barão,  
de Poitou, inglês, normando ou gascão:  
refém nosso nunca esperou em vão  
resgate para sair da prisão;  
não faço aqui nenhuma acusação,  
porém, eis-me aqui preso.

## III

*Or sai je bien de voir certainement  
Que morz ne pris n'a ami ne parent,<sup>14</sup>  
Quant on me faut por or ne por argent.  
Mout m'est de moi, mais plus m'est de ma gent,  
qu'après ma mort avront reprochement,  
se longuement sui pris.*

*Car sei eu bem per ver certanament  
Qu'òm mòrt ni pres n'a amic ni parent:  
E si m'laissan per aur ni per argent,  
Mal m'es pr mi, mas pieg m'es per ma gent,  
Qu'après ma mort n'auràn reprochement  
Si çai me laisson pres.*

<sup>14</sup> Um provérbio francês antigo dizia: “*Home murt n'a ami*”: “homem morto não tem amigo”. In: PICOT, *op. cit.*, p. 18.

Verifiquei agora, realmente  
o morto e o preso não têm mais parente:  
por falta de ouro ou prata, fico ausente.  
Se sofro eu, mais ainda minha gente;  
que de minha morte não se lamente,  
quem me abandonar *preso*.

#### IV

*N'es pas mervoille se j'ai le cuer dolant,  
Quant mes sires met ma terre en torment.  
S'il li membrast de nostre soirement  
Que nos feïsmes andui communement,  
Je sai de voir que ja trop longuement  
Ne seroie ça pris.*

*No 'm meravilh s'ieu lo còr dolent,  
Que moos sénher met ma tèrra en turment;  
No li membra del nòstre sacrament  
Que nos feïmes els sans cominalment  
Bem sai de ver que gaire longament  
Non serai en çai pres.*

**Não estranhem meu coração dolente,**  
meu rei em meu país causa tormento;<sup>15</sup>  
se ele se lembrasse do juramento  
que ambos consagramos, solenemente,<sup>16</sup>  
sei que eu não me acharia, certamente,  
por tanto tempo *preso*.

#### V

*Ce sevent bien Angevin et Torain -  
cil bachelier qui or sont riche et sain -  
qu'encombrent sui loing d'aus en autre main.  
Forment m'amoient, mais or ne m'ainment grain.  
De beles armes sont ore vuit li plain,  
Por ce que je suis pris.*

<sup>15</sup> O rei de França, Felipe Augusto, “causava tormento nas terras” de Ricardo: aproveitara-se de sua ausência para invadir a Normandia.

<sup>16</sup> Esse juramento entre Ricardo e Felipe foi firmado quando o rei de França abandonou a cruzada antes de sua conclusão.



*Or sachent bem Enjevin e Torain,<sup>17</sup>  
Cil bacheliers qi son legier e sain,  
Q'engombré soi e pris en autrui main.  
Il m'ajuvassen, mas il no ve un grain.  
De belles armes sont era voit li plain,  
Per zo que ge soi pris.*

Os de Angers e de Tours devem saber  
- jovens, ricos com saúde a vender -  
que longe estou, em alheio poder,  
meus amigos não me amam pra valer,  
lutando sem mim, como hão de vencer<sup>18</sup>  
agora que estou *preso*?

VI  
*Mes compaignons que j'amoie et que j'ain –  
Ces de Cahen et ces de Percherain –  
Di lor, chançon, qu'il ne sunt pas certain,  
C'onques vers aus ne oi faus cuer ne vain;  
S'il me guerroient, il feront que vilain  
Tant con je serai pris.*

*Mi compaignon cui j'amai e cui j'am  
Cil de Chaill [...] e cil de Perserain,  
Di lor, chanzon, q'il non sont pas certain;  
Unca vers els non oi cor fals ni vain.  
S'ilme guerroient, il feron qe vilain,  
Tan com ge soie pris*

Companheiros que amei sem restrição,  
de Perche, de Caen,<sup>19</sup> de qualquer região,  
ingratos, lembre-lhes esta canção  
que os amei, nunca pediram em vão:  
guerra contra mim, coisa de vilão,  
enquanto estiver *preso*.

<sup>17</sup> A antologia de Pierre BEC não apresenta as estrofes em provençal V, VI e VIII. Transcrevemo-nas assim como foram publicadas no artigo de LEPAGE.

<sup>18</sup> Literalmente: “as planícies estarão desprovidas de belas armas [batalhas]”.

<sup>19</sup> Guillaume Picot, no livro acima citado, traduz “Cahen” por “Cayeux”, o topônimo de dois lugares no departamento da Somme.

VII

*Contesse seur, vostre pris souverain*  
*Vos saut et gart cil a cui je m'en claim*  
*Et por cui je sui pris.*

*Contessa soir, vostre prez sob[e]raim*  
*Sal Deus e gard e cel per cui me claim*  
*Et per cui ge soi pris.*

Que guarde sua graça, irmã condessa,  
Ele a quem minha alma apela e confessa,  
por Ele me acho preso.

VIII

*Je ne di mie a cele de Chartain,*  
*La mère Loëys.*

*Ge nol di pas por ceta de Certrain,*  
*La mere Lo[ë]ys.*

Não me refiro à dona de Chartres, essa  
que é a mãe de Luís.

### Conclusão

Este poema, indissociável da biografia de seu real autor, inspirou outros poemas ao longo dos séculos: deles trazemos algumas breves amostras acompanhadas de nossa tradução. Falta aqui o espaço para apresentar, ao lado da poesia da autoria de Ricardo, os versos inspirados por sua personalidade e em particular por seu cativo, mas um trabalho neste sentido esperamos publicá-lo em outra oportunidade.

De Pedro de Blois, clérigo erudito que vivia na corte do rei inglês, conservou-se uma canção satírica em latim escrita na hora do cativo, denunciando a torpeza do seqüestro do rei cruzado.

...*In regiones ultimas  
Planctu discurrat anxio proditis  
Nostrique regis captio,  
Quae tot affligit animas. /.../*<sup>20</sup>

...Até nas terras do Oriente,  
Ouve-se um tristonho lamento  
- que traição! -  
sobre nosso bom rei cativo,  
de tanta aflição o motivo. /.../

O trovador provençal Gaucelm Faidit, amigo de Ricardo I que o acompanhou na cruzada, compôs depois da morte do rei em 1199 um *planh*, um pranto fúnebre na tradição trovadoresca em honra ao rei do qual evocou as proezas.

...*Lo rics valens Richartz, reis dels Englés,  
Es mortz -Ai Dieus! quals pèrd'e qauls dans es  
Quant estrans motz, e quant grèus ad auzir!  
Bem a dur còr totz òm qu'o pot sofrir...'*<sup>21</sup>

...Ricardo, o rei inglês, o paladim,  
morreu, ó Deus, que perda e dor sem fim!  
Palavra estranha, dura de se ouvir,  
e duro é o homem capaz de a engolir...

Em 1941, durante a ocupação da França pelos nazistas, Louis Aragon, preso pelos alemães no quartel de Tours, lembrou-se da *rotrouenge* real, em particular do terceiro verso "... o preso.... se anima fazendo uma canção"; inspirado pelos versos do rei cativo, Aragon escreveu um poema de nove estrofes intitulado "Richard Coeur de Lion", no qual transpõe para sua própria prisão o episódio do rei cativo que se anima cantando.<sup>22</sup> Assim como o Coração de Leao desafiava, cantando, a maldade de seus opressores, Aragon, se considera um novo Ricardo: preso pelos nazistas, mantém o espírito de luta patriótica e a fé na vitória final ao compor um hino à liberdade. No final do poema, Aragon alude ao *trouvère* Blondel de Nesle, fiel amigo do rei, que escutou seu rei cantando do alto de sua

<sup>20</sup> PETRI Blessensis poemata [poemas de Pedro de Blois] In: Jacques-Paul MIGNE. *Patrologia latina*. v. CCVII, Paris: 1844-55, pp. 1127-32.

<sup>21</sup> BEC, *ibidem*, pp. 237-41.

<sup>22</sup> ARAGON, Louis. *Les yeux d'Elsa*. Paris: Seghers, 1942. pp. 73-4.

torre-cárcere e lhe respondeu. Da mesma forma, o poeta francês espera que lá fora os franceses escutem sua canção e que eles também se unem para não desistir, na hora oportuna, da luta para reconquistar a liberdade da pátria. Eis a última estrofe deste poema, seguida de nossa tradução:

*Tous les Français ressemblent à Blondel  
Quel que soit le nom dont nous l'appelions  
La liberté comme un bruissement d'ailes  
Répond au chant de Richard Coeur-de-Lion.*

Os franceses com Blondel se parecem,  
pouco importa o nome que lhes dão,  
a liberdade, como asas que estremeçam,  
responde ao rei Coração-de-Leão.

\*

Finalizando, lembramos que o poema de Ricardo é uma verdadeira canção, feita para ser cantada com acompanhamento de uma instrumento da época, alaúde ou viela por exemplo. Como no caso de boa parte das canções dos *trouvères*, também desta canção ficou conservado nos manuscritos a anotação musical. Foi produzida e se encontra no comércio uma versão em CD do poema-canção com acompanhamento de instrumentos incluída em: *Richard Coeur de Lion - Troubadours et trouvères*; disco CD da orquestra Alla Francesca. OPUS 111 N° 30170 [França], 1997.

## Referências Bibliográficas

- ARAGON, Louis. *Les yeux d'Elsa*. Paris: Seghers, 1942.
- BABILAS, Wolfgang. Sur un poème poétologique d'Aragon: Richard Coeur de Lion. In: *Revue des sciences humaines*. LXXV(204):133-46 (oct-déc. 1986).
- BEC, Pierre, ed. e trad. *Anthologie des troubadours*. Paris: UGE-10/18, 1979.
- . *La lyrique française au Moyen-âge (XII<sup>e</sup> - XIII<sup>e</sup> siècles)*.v. 2 Poitiers: A. & J. Picard, 1978.
- CHANSONS des trouvères. ed. e trad. Samuel N. Rosenberg e Hans Tischler. Paris: Le Livre de Poche, 1995 (Lettres Gothiques).
- DRONKE, Peter. *The medieval lyric*. Cambridge: D. S. Brewer, 1996.
- FINES, John. *Who is who in the Middle Ages*. New York: Barnes and Noble, 1995.
- GREIMAS, A. J. *Dictionnaire de l'ancien français*. Paris: Larousse, 1980.
- HEER, Friedrich. *The medieval world*. trad. do alemão. London: Weidefeld and Nicholson, 1990. KELLY, Amy. *Eleanor of Aquitaine and the four kings*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1978 [1950] p. 266-344.
- LEPAGE, Yvan G. Richard Coeur de Lion et la poésie lyrique. In: *Et c'est la fin pour quoy nous sommes tous ensemble. Hommage à Jean Dufournet*. 3 v. Paris: Champion, 1993. pp.893-910.
- LEVY, Emil. *Petit dictionnaire provençal-français*. Heidelberg: Carl Winter, 1973.
- MURAILLE, Guy. Verbete "Blondel de Nesle" in DICTIONNAIRE des lettres françaises. eds. Geneviève Hasenohr & Michel Zink, p. 201.
- & Françoise FERY-HUE. Verbete "Richard Coeur de Lion" in DICTIONNAIRE des lettres françaises. eds. Geneviève Hasenohr & Michel Zink, p. 1265-6.
- PERNOUD, Régine. *Aliénor d'Aquitaine*. Paris: Albin Michel, 1965.
- PETRI BLESSENSIS POEMATATA. [Poemas de Pedro de Blois] In: Jacques-Paul MIGNÉ, ed. *Patrologia latina*, CCVII, Paris: 1844-55, pp. 1127-32.
- PICOT, Guillaume, ed. *Poésie lyrique au Moyen-Âge* v. 2 Paris: Larousse, 1965 (Nouveaux Classiques Larousse Illustrés).
- SCOTT, Walter. *Ricardo Coração de Leão*. trad. e adapt. do inglês. São Paulo: Paulus, 1988.
- SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1991.